

A JORNADA DE AGROECOLOGIA E A
AMPLIAÇÃO DAS PAUTAS E MOBILIZAÇÃO
POLÍTICA NOS MOVIMENTOS SOCIAIS RURAIS

Por meio deste artigo propõe-se compreender de que forma a Jornada de Agroecologia fomenta e propaga a temática da agroecologia junto aos movimentos sociais rurais que atuam com a Via Campesina no Brasil. A Jornada de Agroecologia é um evento organizado por diversas organizações (ONGs, universidades, associações etc.) e movimentos sociais rurais (ligados à Via Campesina – Brasil) que ocorre anualmente, desde 2002, no estado do Paraná – Brasil. Diante deste fato social, por meio da chave analítica dos rituais políticos, este estudo busca evidenciar em que contexto e como ocorrem as ações e a atuação política durante a Jornada de Agroecologia e de que forma acontece o fortalecimento e a difusão das pautas socioambientais, em especial a agroecologia. Outra característica deste evento a ser problematizada é a quantidade e a diversidade de espaços e atividades organizadas. Os procedimentos de pesquisa utilizados para desenvolver essa análise foram: observação participante e anotações de campo durante as Jornadas de Agroecologia realizadas entre os anos de 2006 e 2008; coleta de dados nos meios de comunicação e análise documental dos materiais impressos recolhidos durante as edições do evento. O presente artigo está estruturado da seguinte maneira: o contexto político em que emerge a organização da Jornada de Agroecologia – atores, conflitos e articulações; caracterização da Jornada – a emergência da agroecologia como pauta socioambiental e mobilização política; a Jornada de

* Mestre e Doutorando no Curso de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade da UFRRJ. Atualmente atua como assistente de pesquisa no projeto Juventude e Práticas Políticas na América Latina – UFRRJ. Publicou recentemente um capítulo de livro intitulado “O conflito entre indígenas e produtores de arroz pelo sentido da demarcação da reserva nacional Raposa Serra do Sol no Estado de Roraima, Brasil: metabolismo e coevolução social”.

Agroecologia e os rituais políticos.

Palavras-chave: *Jornada de Agroecologia; movimentos sociais rurais; pautas e mobilização política; rituais políticos.*

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Em consonância com o desenvolvimento histórico do modelo agrícola que é hegemonizado pelos pacotes tecnológicos e o difusionismo agroindustrial capitalista, diversos movimentos sociais atuam em contraposição a esse modelo. Os inúmeros problemas socioambientais causados pelo atual sistema de produção agrícola se destacam e são cada vez mais perceptíveis. Nesse contexto, também deve ser considerada a manutenção das grandes extensões territoriais (como no caso do Brasil) para a sustentação da monocultura de base agroexportadora, além dos problemas socioambientais gerados, como desmatamentos, contaminação de solos, rios e lençóis freáticos, dentre outros. Cabe considerar que esse sistema de produção agrícola propicia e vem acentuando de forma progressiva a concentração de terras no Brasil.

Neste cenário de discussão, acerca da questão agrária e agrícola, permeado por tensões, disputas e conflitos em torno da ocupação e acesso à terra no Brasil, os movimentos sociais rurais que se mobilizam pela luta da terra têm passado por determinadas mudanças e ampliações tanto no seu repertório de pautas, quanto no seu formato de organização política. No que se refere às pautas e reivindicações de suas lutas, os movimentos camponeses têm incorporado como centrais, de acordo com Piccin & Picolotto (2007), as discussões relacionadas à preservação ambiental, à defesa da biodiversidade e culturas locais, sendo pautas evidenciadas a partir da agroecologia.

Sob esse aspecto, uma das organizações sociais do campo que se destaca tanto no Brasil, como em âmbito internacional é a Via Campesina, composta por diversos movimentos sociais no Brasil, como Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem (MST), Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), Movimento dos Atingidos por Barragem (MAB), Movimento de Mulheres Campesinas (MMC), entre outros. Uma das ações promovidas por estes movimentos sociais que fazem parte da Via Campesina em conjunto com outras entidades associativas e do terceiro setor é a organização da Jornada de Agroecologia no estado do Paraná (PR), Brasil.

A partir disso, o presente artigo enfoca esse evento, analisando-o como ritual político, assim como buscando com essa abordagem focalizar, ampliar, evidenciar os sujeitos que interatuam e as ações políticas ocorridas durante a Jornada. Os procedimentos de pesquisa adotados foram: a observação

participante, o relato de conversas informais, a coleta de documentos durante o evento e as notícias divulgadas na imprensa. Por meio desses dados buscam-se analisar as percepções dos atores sociais e suas ações políticas em meio ao evento, o modo como ocorre a identificação e a participação nas mobilizações, as relações e os tensionamentos políticos que conformam e constituem a Jornada de Agroecologia.

Dessa forma, o artigo será estruturado da seguinte maneira: algumas considerações sobre o contexto político em que emerge a organização da Jornada, evidenciando alguns atores que interagem nesse processo; um breve relato e uma descrição acerca da programação da Jornada, bem como a problematização de como as ações desse evento de modo geral foram marcadas pelos rituais e pelas ações políticas; organização da Jornada de Agroecologia e os rituais políticos nos espaços do evento.

O CONTEXTO POLÍTICO EM QUE EMERGE A ORGANIZAÇÃO DA JORNADA DE AGROECOLOGIA: SUJEITOS, CONFLITOS E ARTICULAÇÕES

No cenário no qual foi articulada, mobilizada e realizada a Jornada de Agroecologia, diversos sujeitos interagiram por meio de discursos e ações, de forma direta e indireta, influenciando e atuando, de algum modo, na conformação e nas características políticas que constituíram esse evento. Considerando que o campo da política é permeado por disputas e interesses muitas vezes conflitantes, a sua determinação passa a referenciar os sujeitos políticos que interagem nesse contexto.

Em seu contexto histórico, a Jornada surge em 2001 de uma coalizão política resultante de amplo processo de articulação política entre os movimentos e as organizações sociais que atuam tanto no meio rural, como urbano no estado do Paraná, no que se refere aos temas da reforma agrária, no questionamento ao agronegócio e na construção da agroecologia em nível regional e nacional. Dessa articulação formulou-se a ideia inicial de realizar esse evento com o lema Terra Livre de Transgênicos e Sem Agrotóxicos, com o objetivo de ser um espaço de estudo, mobilização política e troca de experiências em agroecologia e desenvolvimento sustentável.

Um aspecto que também cabe ser considerado é que os movimentos sociais, para fins de fortalecimento e aumento de sua expressão política, para efeito de consolidação e ampliação política no campo social no qual se estabelecem, além de ampliarem sua rede de ação, atualmente agem em uma diversidade de campos temáticos (IBARRA; PUIG; GOMÁ, 2002).

Dessa maneira, emerge junto aos movimentos sociais o discurso da agroecologia como um possível mobilizador e agregador de novas relações de poder, movimentando recursos de raiz cultural e cognitiva.

Assim, outros espaços de relações sociais e canais de atuação são abertos, proporcionando aos movimentos sociais novas estruturas de oportunidade política e possíveis atores de apoio, o que constitui uma interação desses movimentos em diversos campos da política, tanto no âmbito simbólico, quanto interativo e institucional. A partir disso, segundo Ibarra; Puig; Gomá (2002), acredita-se que é catalisado um conjunto de oportunidades políticas, possibilitando novos acessos a recursos de poder junto a uma vasta gama de sujeitos.

Uma organização social que vem atuando de forma destacada em relação à temática da agroecologia, bem como na organização e realização da Jornada de Agroecologia no Paraná, é a Via Campesina. Essa organização constitui-se como um movimento internacional que coordena organizações camponesas de pequenos e médios agricultores, de trabalhadores rurais sem terra, mulheres camponesas e comunidades indígenas e atua em cerca de 175 países da América, Ásia, África e Europa (FIAN; VIA CAMPESINA, 2004). A partir dos anos 1990 a organização incluiu em sua agenda a temática socioambiental e se propõe a cumprir um papel de aglutinação dos movimentos sociais do campo no Brasil em torno deste tema. Desde 1999, ano em que a seção brasileira da Via Campesina foi formada, as pautas socioambientais passaram a ser debatidas de maneira mais efetiva no repertório de proposições e ações dos movimentos que compõem a Via Campesina no Brasil, como MST, MAB, MPA e MMC.

Com esse direcionamento, os movimentos sociais rurais vinculados à Via Campesina têm promovido lutas de enfrentamento à apropriação privada dos recursos naturais, tecnologias, em prol dos conhecimentos tradicionais relativos aos recursos da natureza e à soberania alimentar. Do mesmo modo, está ocorrendo a construção de um discurso de enfrentamento com as transnacionais que atuam diretamente na apropriação de recursos naturais de organização e congregação dos movimentos sociais rurais de luta no campo e internacionalização e articulação de bandeiras de luta.

Um estudioso desse movimento ressalta a sua importância, descrevendo que:

Vía Campesina se ha revelado como un actor principal en las actuales luchas populares internacionales contra el neoliberalismo que, entre otras cosas, exigen responsabilidades a las agencias intergubernamentales, se enfrentan y se oponen al control corporativo sobre los recursos naturales y la tecnología, y defienden la

soberanía alimentaria. Además, ha contado con un papel destacado en campañas de gran polémica política como, por ejemplo, las dirigidas contra la OMC, los gigantes corporativos mundiales como McDonalds, y los organismos modificados genéticamente (OMG) y las multinacionales que los fomentan, como Monsanto (BORRAS, 2004, p. 3).

Ao compor a Via Campesina, esses movimentos sociais enunciam um discurso que constitui uma prática política e ideológica que estabelece, mantém e transforma as relações de poder e redefine a atuação política desses atores, pois são organizações coletivas situadas historicamente e imersas nas atuais relações sociais, pois é desse contexto que elas emergem (VENDRAMINI, 2007). As características que tem esse discurso podem ser verificadas desde mobilizações realizadas contra as transnacionais do agronegócio e mineradoras até a formação da Escola Latino-Americana de Agroecologia (ELAA) no estado do Paraná, em conjunto com a Universidade Federal do Paraná. Em meio a esse conjunto de ações, a Via Campesina e os movimentos sociais que a compõem, juntamente com outras entidades e órgãos governamentais, a partir do ano de 2002, organizam e promovem anualmente a Jornada de Agroecologia no estado do Paraná, Brasil.

A Jornada realizada anualmente no Paraná ocorre desde 2002, na qual seus organizadores divulgavam que um dos objetivos centrais era construir uma ação permanente para a articulação da proposta de uma Agricultura Familiar Ecológica baseada na frase “Terra livre de transgênicos e sem agrotóxicos”. Esse evento é organizado por diversas entidades (ONGs, universidades, associações etc.) e movimentos sociais de trabalhadores rurais (ligados à Via Campesina Brasil). As três primeiras edições da Jornada ocorreram no município de Ponta Grossa, no Paraná, nos anos de 2002, 2003 e 2004, e posteriormente na cidade de Cascavel, em 2005, 2006, 2007 e 2008 (JORNADA DE AGROECOLOGIA, 2008).

As associações e organizações sociais geralmente atuantes na organização da Jornada de Agroecologia são a Assesoar (Associação de Estudos, Orientação e Assistência Rural); Aopa (Associação para o Desenvolvimento da Agroecologia); Ieep (Instituto Equipe de Educadores Populares); Capa (Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor); Crabi (Comissão Regional dos Atingidos das Barragens do Rio Iguaçu); CPT (Comissão Pastoral da Terra); Articulação Nacional de Agroecologia; e Terra de Direitos. Os movimentos sociais rurais que geralmente atuam na organização da Jornada de Agroecologia são o MAB (Movimento dos Atingidos por Barragem); MPA (Movimento dos Pequenos Agricultores); MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra); MMC (Movimento de Mulheres Camponesas); Feab (Federação dos Estudantes em Agronomia do Brasil); e Via Campesina.

O público que geralmente comparece ao evento é composto por agricultores ligados a essas organizações e movimentos sociais (em sua maioria), uma porção significativa de estudantes e professores universitários, membros e técnicos vinculados a órgãos estatais e Organizações Não Governamentais (ONGs), além das associações participantes da Jornada e demais pessoas interessadas nas discussões e formulações do espaço. Esses participantes na maioria são oriundos do estado do Paraná, mas também chegam caravanas de outros estados do Brasil e até de outros países, atingindo, segundo os organizadores, cerca de 30 mil participantes no total das edições ocorridas até 2008.

Pode-se verificar a atuação e mediação da Via Campesina junto ao evento mais claramente, por exemplo, por meio de uma entrevista concedida à imprensa por um dos coordenadores políticos da Jornada e membro da organização, declarando que a Jornada de Agroecologia pretendia cumprir o seguinte papel, em um determinado contexto político, em especial no estado do Paraná:

A Jornada de Agroecologia tem como um de seus objetivos estratégicos demarcar claramente na sociedade o projeto soberano popular de uma agricultura camponesa agroecológica e pela reforma agrária. Essa demarcação nos coloca numa oposição direta ao projeto do agronegócio, que traz concentração de terra, com liberdade para promover o trabalho escravo, de contaminar a agricultura com agrotóxicos e com transgênicos. Então, a 7ª Jornada é mais uma vez um momento em que nós expressamos para a sociedade paranaense e do Brasil o projeto que queremos em contraponto ao do agronegócio. Aqui, cumprimos um momento de estudo, de intercâmbio, de troca de experiência e de qualificação da nossa formulação do que vem a ser esse projeto popular e soberano de uma agricultura camponesa, com soberania alimentar, com reforma agrária, com agroecologia. Esse é um marco. (J. T., 2008).

Outro fator que da mesma forma influencia e configura o viés político do evento discutido nesse trabalho é o contexto de enfrentamento político, no estado do Paraná, entre o MST e os demais movimentos sociais rurais que fazem parte da Via Campesina, com os produtores agrícolas identificados e atuantes junto ao agronegócio. Por exemplo, no ano de 2006 durante a Jornada, estando a maioria dos participantes unificados pelas bandeiras e trajes alusivos à Via Campesina, dentre as diversas atividades do evento, uma delas foi realizar a ocupação da sede da Syngenta Seeds. A ocupação foi motivada pelo princípio de denunciar a empresa pelo crime de desrespeito à Legislação Ambiental, por não cumprir a distância mínima de 6km entre áreas agrícolas com cultivares transgênicos e as Unidades de

Conservação Florestal no Paraná, como no caso das lavouras a menos de 1km do Parque Nacional do Iguaçu.

Outro exemplo pôde ser evidenciado na Jornada de 2008, que ocorreu em um contexto histórico de criminalização e prisão de diversos integrantes ligados aos movimentos sociais, bem como constantes assassinatos de militantes do MST.¹ Nesse aspecto, mais um acontecimento que marcou essa edição da Jornada foram as ameaças e convocatórias dos representantes da Sociedade Rural Oeste do Paraná (SRO) e do Movimento dos Produtores Rurais (MPR) junto aos meios de comunicação da região.

Esse ato, em si, tinha como objetivo convidar a comunidade de Cascavel a interromper o acesso das delegações à cidade, com barricadas e homens armados, visando impedir a realização da Jornada de Agroecologia.

Esse ambiente de disputa e contraposição configura-se, ano após ano, a partir e dentre as mobilizações promovidas pelo conjunto de atores que constituem a Jornada e a oposição dos atores vinculados às empresas e à produção agropecuária do agronegócio. Desse modo, as Jornadas de Agroecologia foram marcadas, na maioria de suas edições, por conflitos e tensionamentos políticos com lideranças que são opositoras aos movimentos sociais e ao evento, além dos enfrentamentos diretos com a polícia e as milícias rurais armadas.

Outra característica a ser ressaltada é o fortalecimento de elos e articulações entre parceiros políticos que atuavam junto ao evento ou por afinidade ideológica ou mesmo por questões pontuais e estratégicas.² Dessa forma, mais um aspecto que cabe ser explicitado e que influencia a realização do evento aqui analisado é a relação de apoio político entre a coordenação política da Jornada junto ao governo do estado no Paraná³ e a prefeitura da cidade de Cascavel. Essa relação era baseada em uma articulação acerca de alguns princípios políticos, como o fomento da Agroecologia, o combate ao plantio e a comercialização de soja transgênica no estado, além da tentativa de obtenção de apoio político das bases sociais desses movimentos nos pleitos para eleição de governantes.

¹ Em 2008 assassinaram o militante do MST chamado Eli, dentro de sua casa, em frente aos filhos e à esposa. Em 2007 uma milícia armada assassinou Keno, também militante do MST, e deixou outras pessoas gravemente feridas em uma ação realizada no acampamento Terra Livre, na área ocupada pela Syngenta (JORNADA DE AGROECOLOGIA, 2008).

² Na edição de 2008 da Jornada o governo do estado atuou com força policial junto aos representantes do agronegócio que tentavam, com barricadas e caminhões, evitar a entrada de delegações no município de Cascavel.

³ Quando participei de algumas edições da Jornada, era comum ouvir nos espaços do evento várias palavras de ordem sendo evocadas, como: "Reforma Agrária! Por soberania, justiça e poder popular!"; "Fora Syngenta, fora já daqui!"; "Águas para a vida, não para a morte!"; "As sementes são patrimônio da humanidade!", dentre várias outras.

Esse cenário de relações e articulações políticas era reafirmado e podia ser evidenciado em meio aos discursos e comentários proferidos nas cerimônias de abertura da Jornada, e nesse evento afirmava-se publicamente que a escolha da cidade de Cascavel ocorreu devido à boa infraestrutura e logística oferecida, bem como por ser um município administrado por um prefeito de partido considerado aliado (Partido dos Trabalhadores – PT). A agroecologia era estimulada pelo governo estadual no Paraná por meio de linhas de crédito dentro dos programas de assistência técnica e extensão rural vinculados à Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater), junto ao Programa Paraná 12 meses; criação do Iapar (Instituto de Agroecologia do Paraná); apoio institucional e patrocínio junto à Jornada de Agroecologia, dentre outras diversas atividades desenvolvidas pelo governo anterior no estado do Paraná.

Sob esse aspecto, cabe analisar a influência dos fatores macropolíticos, conforme Ledesma (1994), que incidem diretamente na formação dos movimentos sociais e suas respectivas pautas. Um aspecto que cabe ser destacado é a alteração da estrutura de oportunidades políticas na atual conjuntura política no Brasil, pois o PT, sendo na atualidade um partido influente e muitas vezes determinante na disputa e no direcionamento de recursos de poder do Estado (em especial no governo federal), possibilita maior atendimento das reivindicações históricas dos movimentos sociais rurais. Outro aspecto que se destacou é a produção de conjunturas de troca externas pelos movimentos sociais com a sociedade, pois a partir da geração de ações coletivas (no caso a jornada) possibilitou o acesso das autoridades políticas nesses eventos e a presença de aliados influentes (IBARRA; PUIG; GOMÁ, 2002).

Em meio à Jornada e no contexto em que ela se constitui, foi possível perceber algumas variáveis que influenciam os rituais, segundo Kertzer (1988). As variáveis relativas ao momento de ocorrência da Jornada de Agroecologia, como ritual, seriam a mediação política da Via Campesina, a polarização política entre os movimentos sociais do campo no Paraná com os atores identificados com o agronegócio e as relações políticas estabelecidas com partidos e governos etc. Sob essa perspectiva os rituais expressam e também resultam de tensões sociais, geradas não só pelos conflitos entre sujeitos e grupos políticos, mas, da mesma forma e principalmente, pelas contradições que ordena a sociedade. Sob essa perspectiva, a Jornada pode ser compreendida como um evento que ocorre em meio a uma sucessão encadeada de eventos. Por intermédio desses eventos, como alude Turner (1996), conforma-se um campo social que pode ser representado por uma complexa interação entre padrões normativos esta-

belecidos e condicionantes da experiência social, das aspirações imediatas, ambições ou outros objetivos e lutas conscientes de grupos ou indivíduos em determinados momentos.

Mais uma variável ritual que foi possível perceber nesse evento caracterizou-se pela associação com símbolos, a partir da qual é possível discernir os elementos que estão operando na associação simbólica da política da Jornada (KERTZER, 1988). Durante as atividades da Jornada era possível observar que o evento tinha como objetivo abordar principalmente a temática da agroecologia. Entretanto, em seus espaços (palestras e místicas,⁴ por exemplo) era perceptível que as ações repressoras do Estado aos movimentos sociais, agressões aos militantes, em contraposição às entidades e às empresas multinacionais vinculadas ao agronegócio, eram a tônica dos discursos e permeavam as ações naquela situação. Diante disso, o evento foi e é um fato social que opera como um meio de consolidação política da temática da agroecologia, bem como uma forma de ação dos movimentos sociais na luta pela reforma agrária e que atuam em contraposição ao agronegócio (KERTZER, 1988).

Sob essa análise, percebeu-se que os espaços relativos à programação da Jornada eram caracterizados por uma ação coletiva expressiva, supostamente para comunicar os fundamentos ideológicos e os propósitos políticos dos movimentos sociais lá presentes, buscando evidenciar e fixar uma definição simbólica da realidade. Assim, pode ser possível equiparar seu próprio grupo político com um suposto *bem* (movimentos sociais e aliados políticos) e o outro com um suposto *mal* (agronegócio, multinacionais, adversários políticos), sendo que a habilidade para definir uma interpretação da história é central nessa disputa simbólica (CHAVES, 2001).

Desse modo, perante o ato e o processo no qual foram promovidas as jornadas, devem ser considerados, sob uma dimensão teórico-política a partir dos momentos históricos articulados com a ocorrência do evento. Esses fatores em certa medida proporcionavam a fusão dos objetivos teórico-rituais (agroecologia, desenvolvimento sustentável, divulgação dos preceitos dos movimentos, ideologia socialista etc.) e político-pragmáticos (divulgação das ações dos movimentos e organizações sociais, agregação de aliados e base social, apoio às ações do governo estadual etc.) inerentes à realização da Jornada de Agroecologia (PEIRANO, 2001).

⁴ É uma categoria nativa aos movimentos sociais rurais, inclusive o MST, para dar significado a uma atividade que busca estimular a unidade entre os participantes e faz com que as pessoas se sintam mobilizadas para participar da luta, bem como uma forma de veicular a aplicação dos princípios organizativos dos movimentos.

A ORGANIZAÇÃO DA JORNADA DE AGROECOLOGIA E OS RITUAIS POLÍTICOS NOS ESPAÇOS DO EVENTO

Para a constituição e organização da Jornada de Agroecologia foram percebidas entre os sujeitos, os movimentos e as organizações sociais as relações, os conflitos e as interações sociais mantidas entre os sujeitos para a efetivação desse evento. Com isso, pode ser considerado que a articulação política que tornou a Jornada de Agroecologia possível interatuou em um espaço social⁵ no qual os agentes e os grupos eram definidos pelas suas posições relativas, sendo que os interesses daí resultantes podiam ser contraditórios e conflituosos (Bourdieu, 1989).

O evento, no decorrer de suas edições, tinha comumente uma programação oficial composta de início pela chegada das delegações, as quais eram recebidas por parte da organização do evento. Esse segmento da organização era formado por voluntários de associações e estudantes universitários participantes, bem como militantes ligados aos movimentos sociais que organizavam a jornada. As Jornadas são realizadas durante 4 a 5 dias, sendo a programação composta por variadas atividades, ações e mobilizações que podem ser interpretadas e analisadas como espaços privilegiados para o acontecimento e a observação de rituais de cunho político. Nesse contexto, cabe considerar que cada espaço apresentava diversas características e possibilidades de interpretação, e a chave de análise dos rituais pode ser uma dessas.

Dentre as atividades de recepção, coordenadas pela organização do evento, os participantes da Jornada geralmente permaneciam juntos em grupo e se organizavam conforme a dinâmica política de cada movimento social ou uniam-se ao grupo com o qual se identificavam politicamente ou por relações de apreço pessoal. Diante disso, por exemplo, era comum observar os sujeitos identificados com o MST, MAB e MPA juntos entre si, na maioria das situações, nas atividades do evento, como nas refeições, na realização de tarefas, nas atividades culturais e nos alojamentos. Contudo, também era possível verificar a interação entre os participantes do evento e demais movimentos sociais com menor número de integrantes e reconhecimento social, seja entre eles, seja com os de maior expressividade. No caso era comum observar estudantes vinculados ao Movimento Estudantil, simpatizantes políticos junto aos integrantes do MST e MAB; estudantes e professores de escolas técnicas e universidades interessados pelo tema da agroecologia junto a técnicos das associações e organizações

⁵ O campo social em Bourdieu (1989) pode ser compreendido como um espaço multidimensional de posições tal que qualquer posição atual pode ser definida em função de um sistema multidimensional de coordenadas, cujos valores correspondem aos valores das diferentes variáveis pertinentes.

sociais, como Aopa e Emater; visitantes que realizavam interações com os movimentos para obter informações ou realizar a compra de algum produto na feira do evento.

A instalação e a acomodação da maioria dos participantes e das delegações durante os dias da Jornada ocorriam em alojamentos (nos pavilhões), onde dormiam em colchões ou em barracas ao ar livre. Após a chegada e acomodação das delegações, realizava-se o credenciamento dos participantes, sendo que nesse espaço acontecia a distribuição de crachás, bolsas e o recebimento das orientações necessárias para a participação no evento. Depois disso, geralmente havia uma reunião entre a coordenação e a organização da Jornada e os representantes das delegações, para a ordenação das equipes de trabalho que iriam dividir tarefas durante o evento, como, por exemplo, limpeza, organização, segurança, cultura, ornamentação dos espaços da Jornada e assim por diante.

Esses espaços também se caracterizavam como momentos iniciais de socialização entre os participantes e o evento, sendo sucedidos por reencontros entre militantes dos próprios e de outros movimentos, que participaram de outras jornadas ou de momentos anteriores em comum em suas trajetórias de vida, como em lutas e mobilizações, ou relações de parentesco e apreço pessoal. Diante dessas circunstâncias igualmente ocorriam interações entre os membros que organizavam a recepção das delegações. Além disso, em meio a esses espaços poderia haver entre os participantes e a coordenação o estreitamento dos laços de relação política e solidariedade, ou até a reativação de conflitos e disputas verificados em edições anteriores da Jornada, devido a desentendimentos de ordem pessoal ou a disputa política na coordenação dos momentos da Jornada.

Após a recepção, o credenciamento e a organização das delegações, comumente era realizada a mística de abertura do evento. Por exemplo, na 7.^a edição da Jornada de Agroecologia a Mística de Abertura da Jornada foi organizada pelas Brigadas João de Paula e Sepé Tiarajú, MAB e Asse-soar. Depois a abertura prosseguiu com a apresentação das delegações e a seguir ocorreu um resgate histórico das Jornadas de Agroecologia e da Luta do Acampamento Terra Livre (que foi atacado por milícias armadas em 2008). O espaço geralmente era organizado por alguns movimentos, os quais apresentavam aos participantes atos, encenações e cantos retratando a forma de vida camponesa, a luta pela reforma agrária, as mobilizações para a formação do movimento social, a importância dos insumos e produção agropecuária considerada agroecológica, dentre outras formas de expressão que possibilitassem criar um cenário que estimulasse um sentimento de mobilização, união e envolvimento dos participantes em uma pauta/

causa considerada comum ao evento. A cada ano a mística de abertura teve uma temática diferenciada, e nesses espaços ocorria a apresentação das delegações por chamada e eram evocadas palavras de ordem de cada movimento, acompanhadas de palmas.

Na cerimônia de abertura do evento era perceptível, por exemplo, o objetivo de consolidar uma certa legitimação e proposta política por meio daquele ritual. Isso se evidenciava pela forma como a mesa era composta e pelos convidados escolhidos para fazer parte dela; pelo tempo de intervenção e discurso determinado para cada um; pela disposição e tamanho das bandeiras e símbolos que os movimentos deixavam expostos no palco. Também deve ser considerada a interação dos participantes que estavam na plateia durante a realização desse espaço com a mesa no palco, por meio de palmas, palavras de ordem e demais formas de manifestação político-simbólica. Desse modo, a consolidação de símbolos, composição política dos movimentos e uma possível hierarquia entre eles foram evidenciadas no evento por meio de símbolos, discursos e práticas de ação política em meio à realização daquele evento.

No decorrer das místicas, a organização do evento apresentava encenações, evocava palavras de ordem como: “Água para a vida, não para a morte”; “Pátria livre, venceremos!”; “MST! Essa luta é pra vencer”; “Fora Syngenta! Fora Monsanto”, dentre outras frases, além de utilizarem símbolos como sementes; terra; figura do camponês; livros; bandeiras; ferramentas de trabalho e imagens de líderes revolucionários. Esses espaços poderiam ser interpretados, no contexto das Jornadas, segundo Chaves (2001), como um rito de sacralização e dessacralização, animando os participantes em torno de um movimento e criando um clima de manifestação de sentimentos, ideologias, finalidades, ideias e identidades em comum, apesar da diversidade de procedências e matizes políticas dos participantes presentes no evento.

Uma demonstração disso é que, nas encenações praticadas durante as místicas, essas atividades tinham comumente como tema a opressão do Estado e a resistência à ação das organizações ruralistas ao longo do tempo. Assim, era perceptível que, com a realização desses espaços, havia uma intencionalidade em demonstrar a existência de uma luta entre classes (trabalhadores e burguesia) e um oponente a ser combatido (“o agronegócio, os grandes empresários, os latifundiários, os neoliberais, a direita”) e que o Estado era aliado deste. Enquanto expressões de experiências desse tipo, performances rituais podem provocar mais do que um simples espelhamento do real.

Nesse sentido, conforme Barreira (2006), tais espaços serviam para atualizar os princípios e códigos que regem a ordem política dos movimentos sociais, validando crenças e memórias. Assim, quando uma mística era organizada, por um determinado movimento, percebia-se que a mesma inevitavelmente expressava as peculiaridades de cada movimento e sua experiência na realização de místicas. Nesses momentos pode ser instaurado um modo subjuntivo de situar-se em relação ao mundo, provocando fissuras, evidenciando as dimensões de ficção do real, tensionando e subvertendo os efeitos de realidade de um mundo visto no modo indicativo, como de fato está dado (DAWSEY, 2006).

Cabe destacar, nesse sentido, que as Jornadas tinham no MST um dos seus principais mediadores, organizadores e mobilizadores de público, seja pelo poder de mobilização, seja pelo caráter da formulação de suas propostas políticas. Esse aspecto muitas vezes manifestava-se pela predominância de militantes, na organização da maioria das atividades da Jornada, das proposições e influência política durante maior parte do evento. Assim, em meio ao evento e a sua simbologia produzida em atividades promovidas pelos sujeitos por intermédio dos seus interesses, propósitos e vontades constituíam o próprio simbolismo da Jornada. Essa interação simbólica que ocorreu no evento, as normas ambíguas e conflitantes, a oposição de grupos e a competição por prestígio entre os sujeitos são ações consideradas possíveis de serem produzidas em meio à luta política (TURNER, 1982).

Por isso, pressupõe-se que essas representações e identificações denotavam a reafirmação e o fortalecimento da identidade de cada movimento, bem como evidenciavam a diversidade dos participantes, das organizações e dos movimentos sociais que atuaram na Jornada, como uma demonstração de força e aglutinação política em torno de um evento ou uma pauta como a da agroecologia, por exemplo.

A programação da Jornada era constituída por palestras e conferências com lideranças do MST, MAB, MPA e Via Campesina, com os demais sujeitos atuantes na temática agroecologia, bem como aqueles vinculados a partidos ou governos. As pessoas convidadas como palestrantes nesses espaços proferiam discursos em relação à agroecologia e demais temas abordados na Jornada, nos quais buscavam transmitir uma visão política do cenário político nacional/internacional, tanto deles quanto da organização da qual faziam parte. Considerou-se que esses espaços de reunião durante a Jornada criavam uma sociabilidade. Tal sociabilidade contribuía para a consolidação de redes de relações que atravessavam a estrutura formal das organizações e seus representantes, como trocas de informações, reen-

contros entre pessoas com relações de luta anteriores, de outras jornadas, demais eventos e vivências passadas.

Diante disso, foi possível observar que em alguns momentos estava em jogo nos espaços a colocação em evidência de algumas pessoas, para reforçar sua imagem enquanto lideranças e pessoas representativas em determinados espaços ou movimentos. Esse fato também acabava por fortalecer o caráter representativo da Jornada, pois demonstrava a participação de lideranças socialmente reconhecidas e expressivas tanto no âmbito dos movimentos, quanto da sociedade em geral. Um exemplo disso foi durante a última Jornada, em que as palestras tinham como temas e membros das mesas, respectivamente: “Análise da estratégia do capital transnacional para dominar a agricultura e suas consequências”, com J. P. S. do MST; e “As transnacionais e o domínio das sementes e suas consequências”, com S. R. da Via Campesina.⁶

Outro ato relativo ao evento, muito comentado e esperado pelo conjunto de participantes durante a Jornada, eram as manifestações reconhecidas como “Marcha e Ato Político” em locais públicos das cidades, atos políticos e marchas. Essas mobilizações eram promovidas em locais públicos da cidade, como praças, ruas e acessos à cidade, visando aumentar o alcance da Jornada, transmitir e demarcar as reivindicações políticas discutidas no espaço, tanto para a população local, quanto para os meios de comunicação, autoridades políticas etc. Por exemplo, no ano de 2007, em meio a esse ato político, foram feitas as seguintes reivindicações: “Denunciar as Milícias do Agronegócio: Fora Syngenta e OMC; Em Defesa da Reforma Agrária, da Soberania Alimentar, da Agroecologia, das Sementes Crioulas e da Biodiversidade; Por um Projeto Popular para o Brasil” (dados que constam na programação da Jornada de Agroecologia, 2007).

Essas marchas, como mais um ato político da Jornada, foram realizadas com a passagem dos manifestantes nas principais vias, ruas e logradouros (nas edições que ocorreram no município de Cascavel-PR). Havia aproximadamente 3 mil pessoas enfileiradas que carregavam muitas faixas, e na frente desses atos geralmente tinha um carro de som. As manifestações quase sempre terminavam na praça central de Cascavel, ou tinham como marco inicial essa praça e seguiam em caminhada até o parque municipal de exposições ou até a universidade, locais onde o evento foi sediado.

Desse modo, cabe ressaltar que a criação de eventos coletivos na esfera pública é o principal meio de atuação política dos movimentos sociais,

⁶ Por opção do pesquisador e das pessoas com as quais foi negociada a realização da pesquisa de campo, as identificações dos sujeitos ocorreram por letras iniciais dos seus nomes ou apelidos, tendo em vista manter a privacidade de suas identidades.

como o MST, por exemplo. Ao assumir uma atuação política fundada na ação direta mediante a promoção de eventos coletivos e públicos, os movimentos teciam, no cotidiano daquele contexto político da Jornada de Agroecologia, encenações que polarizavam a opinião pública, promovendo fatos passíveis de gerar poder e criar reivindicações (CHAVES, 2001).

Na realização das marchas, uma expressão ritual tácita observada era a formação de fileiras, na qual se dispunham os integrantes, o que mostra elementos retirados da religiosidade (romarias e cultos públicos) sendo utilizados como ações políticas para demonstração de disciplina e organização. Esse ato configurava-se ainda como uma oportunidade de mobilização com carro de som na praça central de Cascavel, para a manifestação por excelência de uma facção, manifestação de ideias em relação à agroecologia e contra o agronegócio, além da oportunidade de ação política direta, evidenciando o conjunto de movimentos que participavam do evento (PALMEIRA & HERÉDIA, 1995).⁷

Além disso, nas edições da Jornada também era comum a realização de atividades de formação, como oficinas e minicursos, abordando diversificadas experiências e debates em relação à agroecologia. Tais atividades eram ministradas por agricultores, técnicos dos movimentos e organizações sociais, estudantes das escolas técnicas vinculadas aos movimentos sociais ou à temática da agroecologia para os participantes do evento. Simultaneamente, dentre esse conjunto de atividades, aconteciam feiras com venda e mostra de produtos orgânicos produzidos pelos agricultores (membros dos movimentos e das associações participantes do evento), troca de sementes crioulas, venda de livros, distribuição de materiais de divulgação e cartilhas, como meio de publicidade das ações dos movimentos e das organizações sociais presentes.

As atividades culturais ocorridas durante as Jornadas eram compostas por apresentações de filmes, esquetes teatrais, místicas e bailes. Em meio às danças, palavras de ordem, projeções de filmes, dentre outras atividades, sucediam-se momentos de interação e estreitamento dos laços de coesão social entre o público presente e os militantes dos movimentos. O filme apresentado na 7.^a Jornada de Agroecologia foi *Nenhum minuto de Silêncio – Fora Syngenta do Brasil*. Também durante esses espaços realizou-se uma atividade que é reconhecida como “Jornada Socialista” e tinha como tema “Keno e Eli vivem”, em alusão aos dois militantes do MST assassinados por uma milícia armada na Sede da Syngenta, que estava ocupada pelo Movi-

⁷ Também em Barreira (2006) pode-se refletir acerca do sentido e do trajeto que a caminhada seguia na cidade de Cascavel. Em vários momentos era perceptível a possibilidade de os atos não serem estritamente pacíficos. A caminhada, dado o contexto, tinha uma grande possibilidade de culminar em conflitos entre pessoas de diferentes opções ideológicas e com interesses contrários (pessoas ligadas ao agronegócio).

mento em 2007. Nesse conjunto de atividades culturais era perceptível a busca de consolidação, reafirmação e disseminação de símbolos e significados políticos em relação à temática da agroecologia e à contraposição ao agronegócio, por meio de ferramentas como a música, imagem, teatro e demais manifestações culturais.

Ainda em relação a isso, foram observadas no decorrer das Jornadas de Agroecologia muitas ações que poderiam até ser consideradas pouco significativas e triviais no cotidiano dos organizadores e militantes dos movimentos sociais, como plantio de mudas, oficinas com atividades técnicas em agroecologia e mesmo o trabalho de organização estrutural e política da Jornada, por exemplo. Porém, essas experiências deram um sentido particular à categoria luta e destacaram-se junto aos participantes das Jornadas naquele momento e ambiente, ganhando outros significados para os agricultores, à medida que diferentes situações fossem vividas, interpretadas e diferentes práticas fossem postas em ação, constituindo um conjunto de relações diferentes daquelas vividas na terra junto ao assentamento cotidianamente (COMEFORD, 1999). Assim, nesse evento, em meio à elucidação da qualidade dinâmica dos símbolos rituais e no desvelamento de suas múltiplas camadas significativas, incluindo o contexto ritual e sociológico, os elementos do cotidiano e das lutas políticas dos participantes, movimentos e organizações sociais podem reconfigurar e recriar universos sociais e simbólicos (TURNER, 1982).

Mais um fato comum durante toda a realização da Jornada, a ser destacado nesse trabalho, refere-se ao uso de camisetas, bonés e bandeiras do MST, MAB, MPA, Feab e Via Campesina, por seus militantes e participantes do evento, bem como da própria Jornada ou alusivos ao tema da agroecologia em todos os espaços da Jornada; ou ainda a evocação constante de palavras de ordem referentes aos movimentos no qual militavam nos espaços e nas plenárias do evento. Com clareza era percebido que essas formas de expressão exerciam certo poder nos indivíduos acerca de suas subjetividades, buscando despertar ou reforçar um sentimento de pertencimento em relação a determinado movimento ou como demonstração de força política.

Assim, durante a Jornada era comum observar ações e atos que visavam intensificar a emoção, o uso de vários estímulos de ambientação e visualização, dando ao ritual força para a criação e renovação dos laços de solidariedade entre os participantes. Contudo, isso não determinava que os participantes reunidos dividissem a mesma interpretação acerca dos significados dos atos-ritos (KERTZER, 1988; 2001). Essas experiências suscitavam efeitos de estranhamento em relação ao cotidiano e chamavam

a atenção, mobilizando a maioria do público; porém observou-se que não necessariamente as mesmas sensações, envolvimento e convencimento eram despertados em todos os participantes do evento. Isso poderia estar relacionado ao grau de interação deles com as atividades da Jornada, pois quem atuasse em espaços com essas características com certa frequência poderia ter até naturalizado ou não se identificado com os mesmos e não se envolvia tanto emocionalmente como quem participou pelas primeiras vezes desses espaços. Isto é, esse ritual pode ser pensado como um momento excepcional que traduz vivências do cotidiano, mas ao mesmo tempo as recria, mobilizando os agentes de diferentes formas, seja politicamente, seja emocionalmente.

Mesmo com limitações da descrição e discussão realizada, procurou-se demonstrar que a análise pela lógica ritual pode ser uma via epistemológica pertinente e adequada para pensar o político na sociedade (PEIRANO, (2001). Assim, por meio dessa lente analítica pode ser proporcionada mais uma chave de interpretação dos fatos e contexto sociopolíticos como possíveis fontes para pensar e problematizar a lógica ritual, visando ampliar, focalizar, evidenciar e justificar as ações políticas tanto da Jornada de Agroecologia, quanto de outros acontecimentos de luta e mobilização política na sociedade em geral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo, a partir da descrição de um evento e da revisão bibliográfica acerca dos rituais no campo de conhecimento da antropologia, teve como objetivo fazer uma breve análise de como a Jornada de Agroecologia fomenta e propaga a temática da agroecologia e das pautas socioambientais em meio ao contexto de luta e embate político dos movimentos sociais rurais que atuam junto à Via Campesina no Brasil.

Dessa maneira, buscou-se problematizar as ações, as mobilizações e os acontecimentos que ocorreram na Jornada de Agroecologia, tendo como base as observações e as percepções em relação às edições que tive oportunidade de acompanhar nos anos de 2006 e 2007, além de suscitar alguns dados em relação à edição de 2008 do evento, pelos meios de comunicação.

Acredita-se que esse exercício descritivo e de reflexão, por meio da chave analítica dos rituais políticos, possa ter proporcionado mais uma forma de problematização acerca desse evento e das mobilizações dos movimentos sociais rurais no Brasil. Este trabalho foi desenvolvido com base em um determinado ponto de vista e enfoque, deixando em aberto muitas outras formas e possibilidades de percepção e interpretação dos fatos acerca desse

evento. Sob essa perspectiva, a Jornada pode ser considerada um evento político densamente ritualizado, um espaço no qual o político e a pauta da agroecologia agregaram condições de se objetivarem em seus próprios termos e ganharem historicidade (KERTZER, 2001).

A partir de uma breve caracterização do contexto político e dos conflitos em torno do acontecimento da Jornada de Agroecologia, foi percebido como as relações entre os sujeitos influenciavam e configuravam politicamente o evento. Nos espaços e nas atividades desse evento, os movimentos e as organizações sociais estabeleciam parâmetros para as disputas pelo poder, apesar de cooperantes na organização do evento, com uma dimensão ritualizada de símbolos coletivos, colocando em ação as suas múltiplas concepções e formas de ação social e política que compõem a estruturação da Jornada de Agroecologia.

Destacou-se que as Jornadas tinham no MST um dos seus principais mediadores, organizadores e mobilizadores de público, seja pelo poder de mobilização, seja pelo caráter da formulação de suas propostas políticas em relação aos demais movimentos e organizações sociais mencionadas. Esse aspecto muitas vezes manifestava-se pela predominância de militantes, na organização da maioria das atividades da Jornada, das proposições e influência política durante a maior parte do evento. Desse modo, a consolidação de símbolos, a composição política dos movimentos e uma possível hierarquia entre eles foram evidenciadas por meio de discursos e práticas de ação política em meio à realização desse espaço.

Ainda nesse sentido, os movimentos e as organizações sociais buscavam marcar sua ação coletiva em torno de símbolos escolhidos seletivamente em diversas possibilidades culturais (no caso agroecologia), nas quais os promotores políticos (coordenação da jornada) trabalham para convertê-las em marcos para a ação coletiva (a jornada e sua programação em si). Por conseguinte, em meio aos rituais nos quais os símbolos (agroecologia, campesino, sementes crioulas, os movimentos sociais em si etc.) eram definidos, difundidos e revitalizados para o cotidiano político dos movimentos, participantes, visitantes e autoridades participavam da Jornada (KERTZER, 2001).

ABSTRACT

This article intends to understand the way through which the Agroecology Journey develops and spreads the thematic of Agroecology amidst rural social movements acting with Via Campesina in Brazil. The Agroecology Journey is an event organized by several organizations (NGOs, universities, associations, etc.) as well as rural social movements (connected with Via Campesina

– Brazil), which occurs annually since 2002 in the state of Paraná, Brazil. Facing this social fact through the analytical key of political rituals, this study discusses the context and the way political action happens during the Agroecology Journey, and the way the strengthening and diffusion of socio-environmental agendas happen, with a special focus on Agroecology. Another feature of this event discussed here is the amount and diversity of organized spaces and activities. The research proceedings used to develop this analysis were participant observation and field notes taken during the Agroecology Journeys between 2006 and 2008, as well as data collected in media, and documental analysis of printed material taken from the events. The present article is structured as follows: the political context in which the Agroecology Journey emerges: actors, conflicts and articulations; characterization of the Journey; the emergence of Agroecology as socio-environmental agenda and political mobilization; the Agroecology Journey and the political rituals.

Keywords: Agroecology Journey; rural social movements; political mobilization and agenda; political rituals.

REFERÊNCIAS

BARREIRA, Irllys Alencar F. *A política de perto: recortes etnográficos de campanhas eleitorais*. Novos estudos – CEBRAP, n. 74, p. 177-194, 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-33002006000100011&script=sci_arttext

BORRAS, Saturnino M. *La Via Campesina: um movimiento en movimiento*. Amsterdam: Transnational Institute: Fundación de Investigaciones Marxistas, 2004.

CHAVES, Christine de A. A Marcha Nacional dos Sem-Terra: estudo de um ritual político. In: PEIRANO, M. *O Dito e o Feito: ensaios de antropologia dos rituais*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. p. 133-148.

COMERFORD, John C. *Fazendo a luta: sociabilidade, falas e rituais na construção de organizações camponesas*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.

_____. Reuniões camponesas, sociabilidade e lutas simbólicas. In: PEIRANO, M. *O Dito e o Feito: ensaios de antropologia dos rituais*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. p. 149-168.

DAWSEY, John C. O Teatro em Aparecida: a santa e a lobisomem. *Mana Estudos de Antropologia Social*, v.12, n.1, p. 135-150, abr. 2006.

FIAN; VIA CAMPESINA. *Campanha global pela reforma agrária: a reforma agrária no Brasil*. 2004. Disponível em: <<http://www.fian-sverige.org/docs/d38p-ffm-brasil.pdf>>. Acessado em: 22/01/2009.

IBARRA, Pedro G.; PUIG, Salvador, M.; GOMÁ, Ricard (Coord.). *Creadores de democracia radical: Movimientos sociales y redes de politicas publicas, algunas cuestiones introductorias*. Espanha: Icaria, 2002. p. 9-22.

JORNADA DE AGROECOLOGIA. Disponível em: <<http://www.jornadadeagroecologia.com.br>>. Acesso em: 10/11/2008.

KERTZER, David. *Ritual, Politics and Power*. London: New Haven and London. Cap. 1, p. 1-14, 1988.

_____. Rituais políticos e a transformação do partido comunista italiano. *Horizontes Antropológicos*, v. 7, n. 15. Porto Alegre, jul. 2001.

LEDESMA, Manuel P. Cuando lleguen los dias de la cólera. *Revista Zona Abierta*, v.69, n. 34, p. 53-117,1994. (Movimientos sociales, teoria e historia).

PALMEIRA, Moacir; HEREDIA, Beatriz, M. A. Os comícios e a política de facções. *Anuário Antropológico*, ano 94, p. 31-91, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

PEIRANO, Mariza. Prefácio. In_____: *Dito e Feito: ensaios de antropologia dos rituais*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

PICCIN, Marcos B.; PICOLOTTO, Everton L. A luta e o processo de gestação de novos conhecimentos: agricultores sem-terra e agroecologia. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 13., Recife, SBS, 2007. Disponível em: <<http://www.sbsociologia.com.br>>.

TURNER, Victor. *Schism and continuity in an African society*. Manchester: Manchester University Press, 1996. 348 p.

_____. *From Ritual to Theatre: The Human Seriousness of Play*. New York: Paj Publications, 1982.

VENDRAMINI, Célia. R. *Pesquisa e Movimentos Sociais*. Educ. Soc., Campinas, v. 28, n. 101, p. 1395-1409, set.-dez. 2007.

VIEIRA, Luiz C. A Mística no MST: Um Ritual Político. In: ENCONTRO DE HISTÓRIA – ANPUH. IDENTIDADES, 13., 2008. Anais Eletrônicos..., 2008. Disponível em: http://www.encontro2008.rj.anpuh.org/resources/content/anais/1213630966_ARQUIVO_AMisticoMST.pdf. Acesso em: 24/01/2009.